

O que é ser um bom pai?

Representações sociais de jovens
estudantes do ensino superior sobre
o envolvimento paterno

Catarina Gabriel Silva Gaio

M

2023



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

O QUE É SER UM BOM PAI?
Representações sociais de jovens estudantes do ensino superior
sobre o envolvimento paterno

Catarina Gabriel Silva Gaio

Outubro, 2023

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia,
área de Psicologia da Educação e Desenvolvimento
Humano, Faculdade de Psicologia e Ciências da
Educação da Universidade do Porto, orientada pelo
Professor ***José Albino Lima*** (FPCEUP)

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais quanto metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Quero começar por agradecer ao meu orientador, o Professor Doutor José Albino Lima. Mesmo com todas as tarefas inerentes ao seu papel de professor, manteve a sua boa disposição, paciência e apoio ao longo deste trabalho. A sua dedicação ao estudo do papel paterno incentivou-me desde o início e inspirou-me a debruçar-me mais sobre a temática, pelo que agradeço igualmente por isso.

Ao mesmo tempo, um obrigada a todos os professores desta casa por todo o ensinamento, mais ou menos direto, que me ajudou a questionar o que é para mim ser psicóloga e, consequentemente, a construir o meu percurso.

Além disso, gostava de agradecer aos profissionais com quem me fui cruzando, por contribuírem para o meu crescimento, não só profissional como pessoal, através do seu exemplo.

Agradeço, igualmente, a todas as amizades que formei ao longo destes 5 anos por todos os momentos de confidências e alegria vividos. Em especial, quero agradecer à Inês e ao Marcos por todo o apoio e segurança que deram e dão. Obrigada por todas as lágrimas, sempre de alegria, risos, e memórias, que guardo com carinho e com a certeza de que estes 5 anos foram só o início.

Obrigada à Kika e à Filipa, pela cumplicidade e por alimentarem os meus sonhos e confiança.

Aos meus Amigos, à Branca, à Jana, à Rios e ao Vidal, agradeço por serem fontes de energia e pelo suporte que foram desde o secundário até agora. Mesmo não partilhando a vida académica, nunca deixaram de me acompanhar em nenhum momento, bom ou menos bom, destes 5 anos.

À minha família, obrigada pela motivação dada em todas as fases do meu percurso, mas, em especial, neste último ano, o mais desafiante até então. O apoio e amor que me deram foram fundamentais para ultrapassar as fases mais complicadas e enfrentar todos os medos e ansiedades. Obrigada por serem sempre o meu porto seguro.

Por último, mas não menos importante, um agradecimento desmedido ao Tiago. Aquele que é exemplo de resiliência e responsabilidade e me faz voltar à realidade quando parece que o mundo vai acabar. Quero agradecer-lhe por ser aquele que mais acredita em mim, que está lá a qualquer segundo do dia e por ser o meu pilar.

Resumo

Atualmente, o papel paterno parece ter evoluído de um pai provedor e disciplinador, para um pai envolvido na vida familiar. Essa evolução foi, parcialmente, motivada pelas ideias e opiniões, também denominadas de representações sociais, acerca da paternidade veiculadas na sociedade. Neste sentido, este estudo pretende explorar as representações sociais acerca do envolvimento paterno, em particular em jovens estudantes do ensino superior.

Foi obtida uma amostra de 212 participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos ($M = 20.8$, $DP = 2.91$) e o foco de análise foi a sua resposta à questão “O que significa ser um bom pai?”. Foi utilizada uma abordagem maioritariamente qualitativa, recorrendo a uma análise de conteúdo (Bardin, 2016), de onde foram extraídas 6 categorias e realizadas, posteriormente, análises descritivas e inferenciais.

Os resultados são consonantes com a literatura (Amaral et al., 2020; Duckworth & Buzanell, 2009; Lamb, 2000; Tiedje & Darling-Fisher, 1996), já que as dimensões do envolvimento paterno mais valorizadas nas respostas obtidas foram o “suporte socioafetivo” e o “acompanhamento, interesses e lazer”. Por outro lado, a valorização destas dimensões variou, sobretudo, consoante a área de estudo e o município de origem das pessoas que responderam ao questionário.

Estes resultados demonstram que é esperado muito mais da figura paterna além da simples aplicação de disciplina e obtenção de recursos financeiros para a família. Espera-se que o pai seja, acima de tudo, alguém que apoia, respeita, conversa e ama incondicionalmente a criança, elogiando-a nos momentos adequados e acarinhando-a através do abraço ou do beijo.

Assim, este estudo poderá contribuir para uma desconstrução de estereótipos, bem como para uma reflexão e reconstrução de papéis de género e parentais, permitindo, na prática, a adequação de intervenções no domínio da parentalidade.

Palavras-chave: paternidade; representações sociais; papel paterno; envolvimento paterno; jovens universitários

Abstract

Today, the paternal role seems to have evolved from that of a provider and disciplinarian father to one who is involved in family life. This evolution has been partly motivated by the ideas and opinions, also known as social representations, about fatherhood that are conveyed in society. In this sense, this study aims to explore the social representations of father involvement, particularly among young college students.

A sample of 212 participants aged between 18 and 30 was obtained ($M = 20.8$, $SD = 2.91$) and the focus of analysis was their response to the question "What does it mean to be a good father?". A mostly qualitative approach was used, using content analysis (Bardin, 2016), from which 6 categories were extracted, and descriptive and inferential analyses were then carried out.

The results are in line with the literature (Amaral et al., 2020; Duckworth & Buzanell, 2009; Lamb, 2000; Tiedje & Darling-Fisher, 1996), since the dimensions of father involvement most valued in the responses obtained were "socio-affective support" and "accompaniment, interests and leisure". On the other hand, the valorization of these dimensions varied, above all, according to the study area and the municipality of origin of the people who answered the questionnaire.

These results show that much more is expected of the father figure than simply applying discipline and providing financial resources for the family. Above all, fathers are expected to be someone who supports, respects, talks to and loves their children unconditionally, praising them at the right times and cuddling or kissing them.

Therefore, this study can contribute to the deconstruction of stereotypes, as well as to the reflection and reconstruction of gender and parental roles, allowing, in practical terms, the adaptation of interventions in the parenting field.

Keywords: fatherhood; social representations; paternal role; father involvement; young college students

Résumé

Aujourd'hui, le rôle paternel semble avoir évolué d'un père pourvoyeur et disciplinaire à un père impliqué dans la vie familiale. Cette évolution est en partie motivée par les idées et les opinions, aussi appelées représentations sociales, sur la paternité qui sont véhiculées dans la société. Dans cette perspective, cette étude vise à explorer les représentations sociales de l'engagement paternel, notamment chez les jeunes étudiants de l'enseignement supérieur.

Un échantillon de 212 participants âgés de 18 à 30 ans a été obtenu ($M = 20,8$, $SD = 2,91$) et l'analyse a porté sur leur réponse à la question "Qu'est-ce que cela signifie d'être un bon père?". Une approche essentiellement qualitative a été utilisée, en recourant à l'analyse de contenu (Bardin, 2016), à partir de laquelle 6 catégories ont été extraites et des analyses descriptives et inférentielles ont ensuite été effectuées.

Les résultats sont conformes à la littérature (Amaral et al., 2020; Duckworth & Buzanell, 2009; Lamb, 2000; Tiedje & Darling-Fisher, 1996), puisque les dimensions de l'engagement paternel les plus valorisées dans les réponses obtenues sont le "soutien socio-affectif" et l'"accompagnement, intérêts et loisirs". D'autre part, la valorisation de ces dimensions varie, surtout, en fonction de la zone d'étude et de la commune d'origine des personnes ayant répondu au questionnaire.

Ces résultats montrent que l'on attend beaucoup plus de la figure paternelle que le simple fait d'appliquer la discipline et de fournir des ressources financières à la famille. On attend avant tout des pères qu'ils soutiennent, respectent, parlent à leurs enfants et les aiment inconditionnellement, en les félicitant au bon moment et en les câlinant ou en les embrassant.

Cette étude pourrait donc contribuer à la déconstruction des stéréotypes, ainsi qu'à la réflexion et à la reconstruction des rôles de genre et des rôles parentaux, permettant ainsi d'adapter les interventions dans le domaine de la parentalité.

Mots-clés: paternité; représentations sociales; rôle paternel; engagement paternel; jeunes étudiants universitaires

Índice

Introdução	11
1. <i>Parentalidade.....</i>	11
2. <i>Representações sociais sobre a paternidade e o seu impacto.....</i>	12
3. <i>A evolução do papel paterno</i>	14
4. <i>O envolvimento paterno.....</i>	14
5. <i>Pai e Mãe: qual o papel de cada um?.....</i>	15
6. <i>Coparentalidade.....</i>	17
7. <i>Os pais portugueses</i>	19
8. <i>Questões de investigação.....</i>	20
Método.....	22
1. <i>Participantes</i>	22
2. <i>Instrumentos.....</i>	22
3. <i>Procedimentos de Recolha de Dados.....</i>	23
4. <i>Procedimentos de Análise de Dados</i>	24
Resultados	26
1. <i>Supervisão, autoridade e disciplina</i>	26
2. <i>Sustento económico e bem-estar</i>	27
3. <i>Estimulação cognitiva e aprendizagens</i>	28
4. <i>Suporte socioafetivo</i>	28
5. <i>Acompanhamento, interesses e lazer.....</i>	29
6. <i>Apoio à mãe/companheira</i>	30
7. <i>Análises descritivas</i>	30
8. <i>Análises inferenciais.....</i>	32
Discussão	35
1. <i>Discussão de resultados</i>	35
2. <i>Limitações e implicações.....</i>	41

Conclusão	43
Referências bibliográficas.....	45
Anexos	54
Anexo 1.....	55
Anexo 2.....	58

Lista de siglas

AAM – Acompanhamento à mãe

AIL – Acompanhamento, interesses e lazer

ECA – Estimulação cognitiva e aprendizagens

SAD – Supervisão, autoridade e disciplina

SEBE – Sustento económico e bem-estar

SSA – Suporte socioafetivo

Introdução

O debate sobre a figura paterna não é novo. Aliás, desde o século XIX que se realizam reflexões sobre a paternidade e desde os anos 70 que a ciência se debruça e progride cada vez mais neste tema (Balanchio, 2004; Lamb, 2000; Lamb & Tamis-LeMonda, 2004). Esta discussão, aliada às descobertas científicas, tem contribuído para um distanciamento do modelo de pai como mero provedor financeiro da família e, ao mesmo tempo, para a construção de uma definição mais lata, que abarca sensibilidade, afeto e envolvimento como partes do papel paterno (Amaral et al., 2020).

1. *Parentalidade*

A parentalidade abrange um vasto conjunto de comportamentos, pensamentos e sentimentos dos pais no desempenho deste papel, pelo que se pode dizer que a sua definição não é tarefa fácil. Contudo, parece ser consensual que esta constitui, emocionalmente, uma das mais exigentes, poderosas e consequentes tarefas da vida adulta (Teti et al., 2017). De facto, tal como argumentam Westrupp e colaboradores (2022, p. 295), os “recém-pais” têm como preocupação não só o bem-estar e cuidado da criança recém-nascida, mas também a mudança dos seus papéis sociais, identidade, conhecimento e competências. Neste sentido, para uma definição o mais completa, clara e justa possível, importa desconstruir este conceito.

Efetivamente, a parentalidade pode ser definida como algo mais geral, como o faz o dicionário da APA (2023) que caracteriza a parentalidade como “qualquer ação relacionada com a criação/educação de descendentes”. Por outro lado, pode adquirir um sentido mais lato, como lhe dá Bornstein (1995). Este autor identifica quatro categorias do cuidado parental: 1) cuidado nutridor, que responde às necessidades físicas da criança e permite a sua sobrevivência; 2) cuidado social, que satisfaz as necessidades afetivas da criança e onde se insere o incentivo e monitorização das relações sociais da mesma com outras pessoas que não o pai e a mãe; 3) cuidado didático, que corresponde às estratégias das figuras parentais para estimular cognitivamente a criança e incitá-la a explorar o ambiente em que se insere; 4) cuidado material, que inclui o modo como o pai ou a mãe organizam e dispõem o mundo físico (e.g., brinquedos, livros) onde a criança experiencia o mundo. Isto implica que a parentalidade não se circunscreve à simples manutenção da vida da criança – desempenhar um papel parental pressupõe

criar as condições necessárias para o filho ou filha se desenvolver na sua capacidade máxima, em todas as áreas do seu desenvolvimento, dentro e fora da família (Cowan et al., 1998). Deste modo, este desempenho traduz-se num estilo parental, marcado pelo afeto/responsividade e controlo; numa prática parental, ou seja, de que forma se concretiza, na prática, o estilo parental; e nos papéis parentais, especificamente enquanto gestores das experiências dos seus filhos ou filhas (Cowan et al., 1998).

Debruçando sobre o papel de cada figura parental, o papel do pai, genericamente, costuma ser descurado em relação ao da mãe. Aliás, Cabrera e colaboradores (2000) referem mesmo que o enfoque na relação da mãe com a criança e a sua constante presença como cuidadora primária da mesma reforça o pressuposto implícito de que as relações pai-filho/filha não têm qualquer efeito no desenvolvimento e vida das crianças. O reforço desta ideia pode contribuir para um absentismo paterno, provocando na criança, e futura pessoa adulta, baixos resultados académicos, baixo envolvimento laboral, gravidezes precoces e níveis elevados de participação em comportamentos de risco, assim como fraco bem-estar familiar (Federal Interagency Forum on Child and Family Statistics, 1998). Contudo, Garfield e Isacco (2012) refutam este pressuposto ao reportarem as consequências positivas do envolvimento paterno para as crianças como o seu bem-estar, em especial no âmbito da alimentação, exercício, brincadeiras e comportamentos parentais (e.g., ler, disciplinar).

2. Representações sociais sobre a paternidade e o seu impacto

Percebendo, então, os riscos que o exagerado foco na mãe pode ter na participação do pai, nas suas práticas educativas, ou inexistência das mesmas, e na criança, assim como o potencial positivo do envolvimento paterno, é necessário analisar o papel do pai de forma mais específica e aprofundada.

A comunicação e interação com o mundo permite aos seres humanos receber nova informação que altera a sua forma de pensar, originando, consequentemente, novo conteúdo (Moscovici, 1988). Neste sentido, o conhecimento é consequência de uma cadeia de transformações (Moscovici, 1988), sendo, por isso tão pertinente analisar e enquadrar a paternidade a partir de dados concretos, como da perceção que as pessoas têm acerca da mesma. Oliveira e Werba (2002) frisam que o estudo das representações sociais possibilita a identificação da identidade de um grupo de pessoas. Ora, as representações sociais constituem sistemas de interpretação que regulam a relação do

indivíduo com o mundo e as outras pessoas, guiando e organizando as condutas e comunicações sociais (Jodelet, 2003). O ser humano tende a repelir aquilo que lhe é incômodo, pelo que o estudo das representações sociais pode tornar familiar ou consciente algo que não o é (Visentin & Lhullier, 2019). O potencial de mudança social através do estudo das representações sociais torna-se ainda mais evidente quando se percebe a influência que as mesmas têm nas crenças religiosas, ideias políticas e conexões que cada indivíduo faz (Moscovici, 1988). Considerando que as representações moldam a consciência social (Moscovici, 1988), importa tornar conscientes as ideias, por vezes até fragmentadas e contraditórias (Höijer, 2011), das pessoas, de modo a desconstruir vieses ainda em vigor e criar mudança social.

Como supracitado, ainda existe um grande foco no papel materno, bem como a representação social, apesar de com menor relevância, de que o pai é menos participativo e envolvido. Isto pode refletir-se a um nível macrossistêmico, se o tema for analisado à luz da teoria ecológica de Bronfenbrenner (Lerner, 2004). O macrossistema compreende “o nível superior da ecologia do desenvolvimento humano, envolvendo a cultura, as macroinstituições, e as políticas públicas” (Lerner, 2004, p. 14). Neste sentido, a “tímida evolução das políticas públicas” provoca uma consequente mudança mais demorada do envolvimento dos pais (César et al., 2020, p. 181), acabando por poder reforçar uma representação paterna contrária (i.e., de menor envolvimento). A jeito de exemplo, Yogman e Garfield (2016) destacam como a fraca existência de programas de apoio à licença parental, e sendo esta, muitas vezes, reservada quase exclusivamente às mães, obriga os pais a sobreporem as suas responsabilidades profissionais às familiares, numa fase precoce da paternidade.

Por sua vez, estas escassas e lentas mudanças macroestruturais influenciam não só os pais diretamente, como outros contextos com impacto nos últimos. Em jeito de exemplo, se as intervenções parentais e a partilha de informação relativa à parentalidade estiver focada apenas nas mães e nas suas necessidades, não existe um incentivo de uma participação ativa dos pais (Milkie & Denny, 2014; Sicouri et al., 2018).

Desta forma, a análise das representações sociais assume relevância de modo a compreender os valores e ideias inerentes à paternidade na atualidade, permitindo perceber se está a ocorrer e/ou incentivar uma mudança social.

3. *A evolução do papel paterno*

De facto, ao longo dos anos, tem existido uma evolução de um pai distante e provedor da família para um pai mais envolvido e participativo no ambiente familiar (Tiedje & Darling-Fisher, 1996).

Golden (2001) destaca como a queda da tradição, ao mesmo tempo que a modernidade e opções de vida social aumentam, também aumenta a ansiedade dos novos pais ao tentarem dar sentido aos seus vários papéis e identidades. As validações relacionais assumem, então, uma importância cada vez maior para os novos pais, quando estes são expostos a novas versões de si (Golden, 2001). Neste sentido, os pais, assumindo este papel na sua vida, podem encontrar validação para esse mesmo papel a partir das relações que têm com os seus filhos, com as suas parceiras, ou até, por exemplo, colegas de trabalho que também sejam pais.

Aliás, Milkie & Denny (2014, p. 226) enfatizam vários estudos e análises históricas que ilustram que o papel cuidador do pai já existiria em maior escala do que aquela que é reportada, nas décadas caracterizadas pela figura paterna como “ganha-pão” ausente e pouco sensível às necessidades da criança. Por exemplo, Lamb (2000) releva que mensagens culturais dos anos 30 e 40, como as do filme “*Rebel Without a Cause*”, já chamavam à atenção para a importância do pai na socialização com a criança, neste caso, a nível de desempenho de um modelo sexual, principalmente, para os seus filhos. As ideologias acerca da paternidade estão, portanto, em expansão, reconhecendo que a mesma, tal como supracitado, agora inclui não só a função de provedor, mas concilia a mesma com o papel de pai envolvido e cuidador (Duckworth & Buzzanell, 2009; Lamb, 2000).

4. *O envolvimento paterno*

Analisando a perspectiva de Lamb e colaboradores (1985), é de reforçar os benefícios que a participação paterna pode ter. Estes distinguem entre três dimensões: a acessibilidade, o envolvimento e a responsabilidade (Lamb et al., 1985).

Primeiramente, a acessibilidade refere-se à presença e disponibilidade do pai, independentemente da relação que tenha com a criança. Desta forma, veja-se, por exemplo, um pai que esteja sentado no sofá, enquanto a criança brinca à sua frente. O pai está presente no contexto, mas não está necessariamente a interagir com a criança.

Uma interação com a criança pressupõe envolvimento, ou seja, que o pai entre em contacto direto com a mesma, onde este cuida e partilha experiências com ela. Aproveitando o exemplo supracitado, se o pai, presente na sala com a criança, se encontrasse a brincar com a mesma, ao invés de simplesmente estar a ver televisão, considerar-se-ia que existe envolvimento.

Finalmente, o modelo de Lamb e colaboradores (1985) inclui a responsabilidade. Esta não implica as duas primeiras, traduzindo-se na participação do pai em tarefas que contribuam para o bem-estar e saúde da criança. Neste sentido, a marcação de consultas, o interesse sobre o comportamento ou resultados da criança na escola, procurar *babysitters* ou pedir a familiares que tomem conta da criança quando necessário, são tudo exemplos que constituem esta responsabilidade. Por outro lado, considerando a autonomia desta dimensão em relação às restantes, um pai pode estar separado da mãe da criança, mas contribuir para o bem-estar do filho ou filha através da pensão de alimentos, por exemplo, assumindo uma responsabilidade financeira. Por último, a responsabilidade também se pode relacionar com tarefas domésticas e a sua divisão, uma vez que as mesmas contribuem, também, para o bem-estar e cuidado pela vida da criança (e.g., brinquedos arrumados que impedem a criança de cair; dar-lhe banho; deitá-la; preparar refeições; limpar a cozinha de forma a garantir higiene da próxima vez que se preparar uma refeição). Desta forma, o papel do pai pode, ou deveria, incluir estas tarefas.

Por outras palavras, o pai pode não estar acessível nem envolvido na vida da criança, mas pode assumir a responsabilidade inerente ao seu papel. Existem, até, investigadores que argumentam que esta dimensão poderá ser a mais importante quando se considera o envolvimento paterno, mas a proximidade da relação pai-criança pode mediar de forma crucial os benefícios deste envolvimento, pelo que as restantes dimensões são, igualmente, relevantes (Cabrera et al., 2000).

5. *Pai e Mãe: qual o papel de cada um?*

Os casais heterossexuais desempenham funções e papéis domésticos que mantêm as diferenças entre homem e mulher (West & Zimmerman, 1987). Essas funções podem afetar a divisão de tarefas parentais, pelo que se deve questionar qual o papel de cada um e o que podem fazer diferente.

Doucet (1995, p. 274) argumenta que a igualdade no seio doméstico se pauta por um “modelo masculino” de baixa participação nas tarefas domésticas e cuidado com a criança. Por outro lado, Galinsky e colaboradores (2013), quando compararam os seus dados com os de estudos anteriores, perceberam que pais inseridos em famílias que auferem dois salários estão a assumir mais responsabilidade por tarefas familiares do que no passado. Reforçando estes dados, Gill (2003, p. 35) destaca a existência de um “novo pai”, uma noção que espelha as mudanças domésticas e emocionais em casais heterossexuais com crianças. Ademais, Lorber (1994) realça a nova atitude dos pais ao despendem tempo depois do trabalho para estarem presentes e terem tempo de qualidade com os seus filhos ou filhas. A isto, alia-se a maior participação dos pais tanto a nível do cuidado da criança como de realização de tarefas domésticas (Tiedje e Darling-Fisher, 1996).

Apesar desta evolução positiva num sentido de maior participação, as tarefas domésticas e de cuidado realizadas por parte da figura paterna continuam a ser relativamente menores comparativamente com as mães, ou, então, tal como acontece com as mesmas, associam-se ao seu género, reforçando-o (Doucet, 1995). Por outras palavras, tarefas mais “leves” e associadas à casa, como as limpezas ou preparação de refeições, ficam ao encargo da mãe, enquanto o pai fica encarregue de tarefas mais “pesadas” como cortar a relva ou arranjar algo que está entupido. Por sua vez, Nentwich (2008) afirma que o bem-estar emocional da criança continua a estar ao encargo da mãe, enquanto o bem-estar financeiro mantém-se associado ao pai. O envolvimento paterno está, então, associado a atividades mais lúdicas, como o brincar, ou a aspetos mais práticos como o tomar banho. Neste sentido, atividades quotidianas e associadas à casa, como a preparação de refeições e tarefas de limpeza, não estão ao encargo do pai (Sanchez & Thomson, 1997), apesar deste assumir, mesmo assim, tarefas orientadas para a criança.

Nentwich (2008) justifica esta contínua associação do pai ao bem-estar financeiro da criança e da mãe ao bem-estar emocional da mesma e realização de tarefas domésticas às características da masculinidade e feminilidade, respetivamente, o que se relaciona com o reforço de papéis de género supracitado. Por outras palavras, a preocupação emocional e postura de cuidadora estão bastante associadas à maternidade e a feminilidade, enquanto a masculinidade e a paternidade se pautam pelo foco no trabalho e pelo desempenho de um papel de provedor (Riley, 2003).

Deste modo, a divisão de todas estas tarefas tem impacto. Hochschild e Machung (1989) afirmam que mulheres que estejam mais sobrecarregadas com as tarefas domésticas saem prejudicadas no seu emprego, uma vez que realizam maiores ajustes no mesmo de modo a conseguir responder às tarefas que lhes estão destinadas. Simultaneamente, vários estudos, apontados por Doucet (1995), indicam que, em contextos domésticos onde ambas as partes do casal estão empregadas, são as mulheres que experienciam maior fadiga, ansiedade, doença e sentimento de culpa no regresso ao trabalho, apesar do conflito casa-trabalho ser maior nos pais no estudo de Galinsky e colaboradores (2013).

Neste sentido, a divisão de tarefas entre o pai e a mãe deve fazer parte de uma coparentalidade, visto que permite a ambas as partes conciliar as diferentes vertentes da sua vida e potenciar o envolvimento com a criança ao mesmo tempo, permitindo, desejavelmente, um desenvolvimento saudável da mesma.

6. *Coparentalidade*

Aprofundando um pouco mais este tópico, a coparentalidade caracteriza-se por uma partilha de responsabilidade e trabalho pelas figuras parentais, partilha esta que permite cuidar, nutrir, e tomar decisões relativas às crianças (Negrini, 2020). Esta definição de Negrini (2020) inclui outras figuras, como os avós, mas é inegável que as figuras de cuidado primário das crianças são o pai e a mãe, principalmente quando, em geral, as crianças vivem com estes.

Além disso, uma coparentalidade eficaz apoia um crescimento emocional saudável da criança, pelo que a forma como pai e mãe interagem pode predizer o processo desenvolvimental, saúde mental e ajustamento da mesma (Negrini, 2020). Deste modo, o exercício da coparentalidade, onde ambas as figuras parentais participam e estão envolvidas de forma igualitária, pode contribuir para o ótimo desenvolvimento da criança.

Segundo Lamb (2001), as crianças beneficiam psicológica e socialmente quando vivem em contextos biparentais. Obviamente, esta biparentalidade deve ser adequada, pelo que a coparentalidade assume importância para permitir que o contexto biparental seja potenciado da devida forma e permita o desenvolvimento da criança. De notar que, apesar de crianças de famílias divorciadas estarem mais predispostas a desenvolverem dificuldades de desenvolvimento transitórias do que crianças de famílias nucleares,

pode existir uma adequação da criança ao divórcio relacionada, entre outros fatores, com a coparentalidade (Melo & Marin, 2016). Desta forma, a coparentalidade ultrapassa o casal e foca-se no “trabalho de equipa” que ambas as figuras parentais realizam para o bem da criança. Além disso, a mesma deve ser positiva (i.e., suporte mútuo das figuras parentais) e nunca negativa (i.e., desprezo pelo esforço da outra figura parental) (Pilkington et al., 2019). A coparentalidade negativa está associada com o aumento do risco de problemas comportamentais do filho na infância e adolescência, enquanto uma coparentalidade positiva permite reduzir o stress, aumentar a confiança parental e promover interações pai-criança positivas (Pilkington et al., 2019).

Por outro lado, pais e mães, influenciam diretamente o desenvolvimento socio-emocional dos seus filhos (Lamb, 1982). Relacionando com aspetos relativos a papéis de género supracitados, os pais impactam o desenvolvimento socioemocional das crianças a partir da ludicidade que incentivam nas crianças, enquanto as mães estimulam este desenvolvimento ao nível dos afetos e do carinho (Lamb, 1982). Apesar de tanto o pai como a mãe poderem desempenhar estes papéis, que não pertencem a um género específico por natureza, esta pode ser uma forma de dividir as tarefas parentais.

Um outro benefício da coparentalidade é o impacto no desenvolvimento cognitivo e linguístico das crianças. Tamis-LeMonda e colaboradores (2004) destacam investigação que apoia que ambas as figuras parentais encorajam comportamentos de exploração durante brincadeiras com a criança, falam devagar e usam frases curtas quando se dirigem às mesmas, respondem aos choros e sorrisos dos seus filhos ou filhas, são sensíveis a crianças de 1 ano quando preocupados com uma tarefa, e ajustam os seus comportamentos ao estágio de desenvolvimento das suas crianças.

Por último, ambos os pais podem contribuir para um bom ajustamento da criança na transição para a escola. O National Institute of Child Health and Human Development Early Child Care Research Network (2004) reconhece que os pais podem desempenhar papéis distintos, mas complementares, no exercício da parentalidade com as mães. Concretamente, a nível da transição das crianças para a escola, os pais, quando sensíveis, apoiantes, e estimuladores de desafio e exploração, têm um importante papel no incentivo de competências e comportamentos nas crianças importantes para contextos exteriores às famílias, nomeadamente a escola (National Institute of Child Health and Human Development Early Child Care Research Network, 2004).

7. *Os pais portugueses*

Existem diferenças culturais a nível destas representações. Apesar destas não serem, logo à partida, notórias, uma vez que também existem semelhanças, importa analisar as mesmas no âmbito da população portuguesa.

Segundo Matias e colaboradoras (2011) o modelo de casal mais frequente na sociedade portuguesa é o de duplo emprego. Ao mesmo tempo, e apesar da existência de desigualdades de género, o mercado de trabalho português espera qualificações académicas e uma dedicação de tempo ao trabalho iguais aos homens e mulheres portuguesas, sendo que esta igualdade é, também, esperada no âmbito familiar, nomeadamente no que diz respeito ao envolvimento no mesmo (César et al., 2020).

A um nível macrossistémico, as políticas públicas portuguesas contemplam a proteção da parentalidade e o apoio ao envolvimento tanto da mãe como do pai no cuidado às suas crianças, nomeadamente, através das licenças parentais (César et al., 2020). No entanto, considerando que, em comparação com outros países, a licença de paternidade é recente em Portugal, é exigido aos pais que façam valer o direito que lhes é atribuído por lei com assertividade e negociação, principalmente no local de trabalho (César et al., 2020). Por outras palavras, apesar do envolvimento paterno ser reconhecido e apoiado por lei, continuam a existir barreiras sociais à participação dos pais, refletindo-se em âmbito privado (e.g., apoio familiar) e público (e.g., local de trabalho). Deste modo, César e colaboradoras (2020) frisam que a apropriação do papel paterno e as experiências de paternidade em Portugal são múltiplas e diferentes, traduzindo-se isto em dinâmicas pai-filho/filha e experiências de coparentalidade diversas.

Por último, no estudo de Amaral e colaboradores (2020) com pais portugueses, percebeu-se que pais mais velhos tendem a possuir crenças mais tradicionais sobre o seu papel, ao mesmo tempo que pais com crenças mais tradicionais tendem a percecionar a sua parentalidade como mais negativa. Por outro lado, pais com crenças mais progressistas percecionam-se como tendo uma parentalidade mais positiva (Amaral et al., 2020). Simultaneamente, no estudo de Balancho (2004), os pais e avós portugueses reconhecem uma mudança na definição do que é ser pai, nomeadamente, de que este é mais sensível, mais presente, mais próximo afetivamente e mais compreensivo. A autora refere, ainda, que as diferenças intergeracionais entre representações do papel paterno se podem dever tanto a questões culturais como individuais (Balancho, 2004).

Deste modo, ainda que uma mudança social sobre o conceito de paternidade seja reconhecida pela ciência e pela sociedade e pareça ocupar um lugar de destaque, tanto fora como dentro de Portugal, não deixam de existir representações mais tradicionais que poderão influenciar futuros pais.

8. *Questões de investigação*

Como se pode depreender do enquadramento teórico realizado, a investigação do papel paterno tem vindo a ser cada vez mais aprofundada. O pai já não é apenas o “ganha-pão” da família, puramente autoritário ou simplesmente ausente, mas sim envolvido e participativo. É cada vez mais perceptível e reconhecido o papel crucial dos pais no desenvolvimento das crianças, especificamente, a nível cognitivo, psicológico, social, linguístico, emocional e de transição para outros contextos. Sabe-se, agora, que a criança cria um vínculo não só com a mãe, mas também com o pai, e de como esta beneficia de contextos biparentais. Considerando, igualmente, que esta se pode adaptar de forma adequada a um divórcio, torna-se especialmente pertinente o exercício de uma coparentalidade, onde se partilham tarefas parentais e há responsividade, atenção e afeto na interação com a criança. Além disso, todos estes aspetos são influenciados por representações sociais acerca da paternidade, que se refletem nas práticas parentais, na relação dos pais com a sua descendência, na gestão da vida casa-trabalho por parte dos mesmos, nos serviços que lhes são prestados e na legislação nacional.

Ora, sabendo os dados concretos acerca da participação e envolvimento dos pais na vida da criança ao longo dos anos, importa perceber igualmente o que esperam os filhos e filhas dos seus pais, assim como o que valorizam no papel paterno, influenciando a sua atuação como potenciais futuros pais e mães. Neste sentido, o foco deste estudo situa-se nas representações sociais de jovens estudantes do ensino superior, uma vez que são pessoas que ainda não vivenciaram diretamente a parentalidade e cuja formação poderá contribuir para o fortalecimento do envolvimento paterno.

Por outro lado, existindo uma nova valorização da figura paterna, e pelos dados adquiridos ao longo dos anos, o pai será uma figura mais envolvida na vida da criança. No entanto, o envolvimento paterno abarca, como já mencionado, várias componentes, pelo que o estudo minucioso das representações sociais pode permitir compreender quais as dimensões deste conceito que são mais valorizadas.

Finalmente, o estudo das representações sociais pode evidenciar certas diferenças na opinião das pessoas, dependendo se são homens ou mulheres, residem no Norte ou no Sul do país, ou se são da área de estudo da Saúde ou das Humanidades, para citar alguns exemplos.

Neste sentido, o objetivo nuclear deste estudo é perceber quais as principais características que jovens estudantes do ensino superior, concretamente naturais de Portugal, associam a ser um “bom pai”.

Assim, colocam-se duas questões de investigação:

1. *Que características associadas a “ser um bom pai” são mais valorizadas por jovens estudantes do ensino superior?*
2. *De que forma as características associadas a “ser um bom pai” variam com o género, idade, curso ou município de origem de jovens estudantes do ensino superior?*

Método

1. *Participantes*

O universo de participantes escolhido, como já previamente enunciado, foi o de jovens estudantes do ensino superior. De notar que não existe um consenso no limite etário para se considerar alguém “jovem”. Contudo, no âmbito deste estudo, foram consideradas jovens as pessoas com idade até 30 anos, por ser a idade média dos pais e mães ao nascimento do primeiro filho¹. Desta forma, a amostra contou com 210 participantes², com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos ($M = 20.85$, $DP = 2.91$), sendo a mediana de idades 20 anos (para mais informação, ver Tabela 1).

2. *Instrumentos*

Foi construído um questionário de raiz (Anexo 1), com foco na recolha da opinião das pessoas participantes sobre a figura paterna, mais concretamente sobre o significado de ser um “bom pai”.

O questionário contou com duas partes distintas. Primeiramente, foram apresentadas questões sociodemográficas. A pessoa participante era questionada acerca do seu género, idade, se é estudante do ensino superior, qual a instituição que frequenta, curso, ano do curso em que se encontra, município de origem, e se tem descendência. É importante salientar que, de modo a garantir o conforto e segurança da amostra de participantes em relação ao seu anonimato, algumas questões não eram de resposta obrigatória, já que a combinação de algumas respostas poderia facilitar a sua identificação.

Por último, havia uma questão de resposta aberta, onde era pedida uma descrição do que significa, para a pessoa, ser um bom pai, sendo explicitado que a pergunta se referia apenas à figura paterna.

¹ De acordo com a Pordata (2023), em 2022, a idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho foi de 30.8 anos.

² A amostra recolhida contou, inicialmente, com 291 participantes. De 291, eliminaram-se 72, considerando os critérios de exclusão para este estudo: 1) ser estudante universitário/a, excluindo-se 6 participantes; 2) ter entre 18 a 30 anos, eliminando-se 39 participantes; 3) não ter filhos/as, desconsiderando 2 participantes; 4) ser português/sa, subtraindo-se 9 participantes. Restando 235 participantes, excluíram-se, ainda, 25 participantes, já que apenas estas pessoas não pertenciam à Universidade do Porto.

Tabela 1***Características da Amostra***

	<i>n</i>	%
Género		
Feminino	159	75.7
Masculino	48	22.9
Não-binário	3	1.4
Idade		
18-20	121	57.6
21-30	89	42.4
Município de origem		
Distrito do Porto	129	61.4
Outros distritos	81	38.6
Área de estudo		
Psicologia	80	38.1
Engenharias, Ciências da saúde e exatas	62	29.5
Ciências sociais, Humanidades e Artes	68	32.4

3. Procedimentos de Recolha de Dados

Antes que o questionário pudesse ser divulgado, foi pedido um parecer à Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (Ref.^a 2022/11-06), que obteve parecer favorável (Anexo 2).

Além disso, foi pedido um consentimento informado das pessoas participantes, anterior à resposta do questionário. Aqui foram explicadas as condições do estudo, de modo que se pudesse responder de forma consciente e informada ao questionário.

O instrumento foi construído na plataforma Google Forms e divulgado através do e-mail dinâmico Inquéritos da Universidade do Porto e das redes sociais Instagram, Twitter e Facebook. Estas duas formas de divulgação permitiram um contacto mais direto com a população desejada, pelo que foram ambas utilizadas para disseminar o questionário.

A recolha de dados foi iniciada no final de dezembro de 2022 e terminada em janeiro de 2023.

4. *Procedimentos de Análise de Dados*

Neste estudo, metodologicamente, optou-se por uma abordagem maioritariamente qualitativa. Considerando o estado da arte e os métodos utilizados em estudos semelhantes (e.g., Vieira & Souza, 2010, César et al., 2020), foi realizada uma análise de conteúdo (Bardin, 2016) às respostas obtidas no questionário. Como afirma a autora, a análise de conteúdo constitui um conjunto de análise das comunicações que se une num único instrumento marcado por uma grande variedade de formas e adaptável a vários campos de aplicação (Bardin, 2016). Ora, estando as representações sociais orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo do indivíduo (Jodelet, 1985) e considerando que estas podem ser analisadas enquanto representações mentais ou culturais (Sperber, 2003), a análise de conteúdo parece o método indicado para o seu estudo.

Neste sentido, e como propõe Bardin (2016), primeiramente, foi realizada uma leitura flutuante das respostas da amostra de participantes. Se a análise de conteúdo tem como objetivo colocar em evidência, através de procedimentos rigorosos, sistemáticos, quantitativos e objetivos, as opiniões e associações adjacentes dos indivíduos a partir dos seus enunciados (Bardin, 2016), então a leitura flutuante é apenas uma fase embrionária. Deste modo, as 15 categorias obtidas desta primeira leitura foram combinadas com um referencial teórico, de forma a torná-las mais robustas para uma análise futura mais aprofundada, originando, posteriormente, 6 categorias finais³.

Depois de reunidas as categorias finais, e de forma a testar a sua validade, as mesmas foram avaliadas através de um acordo de juízes. Foram enviados excertos de respostas de participantes a 5 profissionais da área, juntamente com a definição de cada categoria. Desta forma, os juízes deveriam categorizar os excertos com a categoria que achavam mais adequada. Recebidas as respostas dos juízes, foi calculado o valor de Kappa das 5 avaliações, assim como da autora, através do website *Online Kappa Calculator*. De 6 avaliações consideradas, o valor de Kappa obtido foi de 0.77, com uma taxa de acordo de 81.74%.

³ Todo este processo encontra-se descrito em maior detalhe na secção Resultados.

Até então, foi seguido um dos objetivos abordados por Bardin (2016) – a superação da incerteza sobre a generalização e validade dos dados, através do acordo de juízes. No entanto, resta outro objetivo – o enriquecimento da leitura (Bardin, 2016). Por outras palavras, depois de um primeiro olhar “fecundo”, que foi o ponto de partida para a interpretação rigorosa e sistemática pretendida, outras leituras poderão gerar produtividade e pertinência (Bardin, 2016, p. 35). Neste sentido, foram realizadas novas leituras, de modo não só a corrigir as 15 categorias iniciais, mas também de fazer cumprir o objetivo suprarreferido.

Depois de terminada esta fase, e de modo a perceber a possível relação com determinadas variáveis, foram iniciadas análises quantitativas, recorrendo ao *software* estatístico SPSS 29. Foi realizado um conjunto de análises de dados recorrendo a estatísticas descritivas e inferenciais.

Resultados

Como supracitado, a análise qualitativa foi iniciada através de uma leitura flutuante das respostas obtidas. Dessa primeira leitura, resultou uma análise categorial, onde se obtiveram 15 categorias (i.e., Figura de suporte; Afetos; Comunicação; Educação/Disciplina; Presença; Amor Incondicional; Atualização; Promoção de autonomia/individualidade; Disponibilidade/Acessibilidade; Honestidade/Abertura; Exemplo/Modelo; Interesse/Envolvimento; Cuidado/Proteção; Responsabilidade; Coparentalidade).

De facto, a leitura efetuada numa análise de conteúdo tem como objetivo realçar um sentido por detrás das comunicações e ideias a serem estudadas (Bardin, 2016), pelo que apoiar a análise em dados científicos atuais poderá ser útil. Desta forma, as 15 categorias obtidas foram combinadas com um referencial teórico. Concretamente, foram utilizadas as 9 dimensões (i.e., Disciplina e ensino de responsabilidade; Encorajamento escolar; Apoio à mãe; Satisfação de necessidades; Tempo e conversas em conjunto; Elogio e afeto; Desenvolvimento de talentos e preocupação com o futuro; Leitura e ajuda nos trabalhos de casa; Atenção) obtidas no Inventário do Envolvimento Paterno de Hawkins e colaboradores (2002), e as 5 categorias (i.e., Apoio emocional e estimulação; Escola e atividades sociais; Sustento e orientação moral; Punição; Partilha de tarefas) obtidas por Lima e colaboradores (2009). Conjugando as 15 categorias originárias da leitura flutuante com as 9 dimensões de Hawkins e colaboradores (2002) e as 5 categorias de Lima e colaboradores (2009), obtiveram-se 6 categorias finais.

1. *Supervisão, autoridade e disciplina*

Nesta categoria, o pai surge como educador, orientador, disciplinador e guia. Isto significa que o pai encoraja a criança nos seus deveres, guiando-a nas suas obrigações, e estabelece regras e limites ao seu comportamento, ensinando-a a ser responsável por aquilo que faz e as consequências que advêm de determinada decisão (e.g., “é (...), mostrar-lhes quais serão as consequências das suas ações”; “mete de castigo, quando é preciso”; “tem que ter algum mínimo de postura mais autoritária de modo que as crianças o respeitem”).

Por outro lado, está atento àquilo que a criança lê, vê ou ouve, e reforça as regras de família, estabelecendo limites claros sobre o que fazer ou não em casa e noutros contextos e clarificando as diferenças entre os mesmos (e.g., “Estar atento e perceber o que é melhor para nós”; “estabelecer certas regras e limites de forma sensata e explicando a razão das mesmas”).

A supervisão paterna está incluída em todos estes aspetos, mas traduz-se, também, no conhecimento daquilo que a criança faz, onde e com quem está. Neste sentido, o pai mantém-se informado e atualizado, bem como consciente de si e do que se passa à volta do ambiente familiar e dentro do mesmo (e.g., “Um bom pai deve estar consciente do que acontece na vida dos filhos”; “pai deve fazer um esforço por deixar de parte as próprias ideias preconcebidas que tenha”: “o pai deve esforçar-se por tratar de si, do casamento/união e/ou das dinâmicas interpessoais da casa.”).

Por último, o pai é, igualmente, um exemplo e guia moral. Por outras palavras, o pai deve estar consciente de que as suas ações terão impacto nos seus filhos ou filhas e em como estes interpretam e assimilam regras e limites. O pai como figura educativa implica não só transmitir o que se deve ou não fazer, mas também que valores devem as crianças seguir (e.g., “É ser um exemplo em casa”; “ensiná-lo a ser o melhor ser humano possível”; “ser um bom pai também inclui transmitir valores como a honestidade, integridade, bondade, empatia, entre outros”).

2. Sustento económico e bem-estar

Aqui, a figura paterna surge como responsável pelo bem-estar do seu filho ou filha e pela satisfação das suas necessidades básicas, nomeadamente, comida, abrigo, higiene e cuidados de saúde (e.g., “Ser um bom pai na minha opinião é ser preocupado com o bem-estar do filho em todos os níveis, ou seja, a nível físico garantir as necessidades básicas do mesmo como comida, higiene, roupas e cuidados de saúde”).

O pai aceita a responsabilidade de suportar financeiramente a criança até que a mesma se torne autónoma e se consiga financiar a si própria (e.g., “A responsabilidade não termina quando o filho tem 18 anos. Quem não pediu para nascer não tem que pagar para existir.”).

Além disso, preocupa-se com o seu bem-estar, investindo na sua proteção, cuidado e defesa, fora e dentro do ambiente familiar (e.g., “Ser um bom pai na minha opinião é ser

preocupado com o bem-estar do filho em todos os níveis”; “O propósito do pai é proteger”).

3. *Estimulação cognitiva e aprendizagens*

O pai deve incentivar e promover a aprendizagem do seu filho ou filha. Isto passa por dois grandes aspetos:

a) o incentivo escolar, em que o pai encoraja a criança a ser bem-sucedida na escola, a fazer os trabalhos de casa ou outras tarefas da escola e lhe ensina ou reforça em casa as regras da escola e o respetivo respeito pelas mesmas;

b) leitura conjunta e apoio nos trabalhos de casa, o que significa que o pai incentiva os seus filhos ou filhas a ler, lendo para e com eles ou elas, e ajuda com os seus trabalhos de casa ou outras tarefas escolares.

Além disso, fora do âmbito escolar, introduz material e dinâmicas novas, aproveitando a curiosidade da criança para a estimular.

Alguns exemplos desta categoria nas respostas da amostra de participantes podem ser excertos como “É alguém que se preocupa com todos os aspetos da vida das crianças tanto a nível de desenvolvimento intelectual (...)”, “ajudar nos trabalhos de casa” ou “estar disponível para (...) estudar”.

4. *Suporte socioafetivo*

O pai deve ser um “porto seguro”, onde a criança encontra alguém em quem confiar e buscar apoio. Surge como bom comunicador, atento às preocupações e necessidades afetivas da criança, ouvindo-a e preocupando-se com a mesma e o que ela tem a dizer (e.g., “está “sempre lá” como rede de segurança”; “Um bom pai é aquele que é bom ouvinte, que apoia indiscutivelmente os filhos”).

Neste sentido, é alguém disponível e acessível, a quem a criança pode recorrer a qualquer momento; alguém honesto e aberto enquanto conversa com a mesma e expõe, também ele, os seus pontos de vista de forma adequada (e.g., “Ser aberto e honesto e permitir essa mesma honestidade, aceitando e valorizando as suas emoções.”; “partilhar também as coisas que gosta ou as que o deixam triste.”). Por outras palavras, o pai, para além do seu papel de responsabilidade, não deve deixar de ser um amigo do seu filho ou

filha, priorizando tempo para conversar, principalmente quando é ele ou ela a querer iniciar algum tópico.

Nesta categoria, o pai é, também, uma figura carinhosa, afetuosa e paciente, que ama incondicionalmente o seu filho ou filha, sem se deixar guiar por preconceitos, e é respeitador da individualidade da criança (e.g., “O perigo não deve ser em casa, mas sim o espaço onde sente que é amado, aceite e nunca estará sozinho, por mais problemas que hajam na vida.”)

Por último, elogia a criança por aquilo que a mesma merece ser elogiada (e.g., fazer algo bem, ter determinada atitude ou comportamento correto ou por alguma característica positiva). Além disso, verbaliza o amor que tem pelos seus filhos ou filhas, mostrando afeto físico, através do toque, abraço ou beijo (e.g., “É o ficar feliz e parabenizar o filho pelas conquistas.”; “que abraça”).

5. Acompanhamento, interesses e lazer

Pai como promotor da autonomia, individualidade e liberdade dos seus filhos ou filhas. Acompanha a criança naquilo que ela faz, incentivando-a a desenvolver os seus talentos, a continuar estudos para além do ensino secundário e planeia com ela o seu futuro (e.g., inscrição em atividades extracurriculares, institutos).

Essencialmente, encoraja a criança a investir no seu futuro, mostrando-lhe os caminhos possíveis para alcançar certo destino e a explorar-se a si própria, de modo a ser uma pessoa autoconsciente e competente para responder aos desafios do futuro (e.g., “É ser um pai preocupado com o meu presente, mas sobretudo com o meu futuro”; “Dá a autonomia e independência adequada aos filhos.”).

O pai deve ser, ainda, alguém interessado e envolvido na vida da criança, marcando presença nos eventos em que a mesma participe (e.g., atividades da escola, jogos) e incluindo-se na sua vida diária (e.g., “Para mim, ser um bom pai é estar presente e envolvido na vida dos filhos, seja na escola, em casa”; “É passar tempo de qualidade”; “mostrar interesse”).

Além disso, este envolvimento pode ser passado fazendo tarefas domésticas, inculcando a importância das mesmas e trabalhando as competências das crianças nesse âmbito, ou levando-as a lugares de interesse, como um museu, parque ou praia (e.g., “organiza tempo em família”; “que assume responsabilidade pelas tarefas em casa”).

Através de conversas com a criança, o pai ajuda-a a encontrar um propósito de vida, procurando saber as suas opiniões ou preocupações, ou simplesmente perceber o ponto de situação da sua vida (e.g., “conversar sobre (...) o mundo em geral de forma a saber a opinião do [filho] e a questionar/partilhar certas opiniões”; “que se mostre interessado em saber como correu o meu dia ou que coisas diferentes fiz”).

6. *Apoio à mãe/companheira*

A forma como o pai se comporta com a mãe dos seus filhos ou a sua companheira tem impacto indireto na criança. Neste sentido, o pai fornece incentivo e apoio emocional à mãe, preocupando-se em mostrar e transmitir às crianças que a mãe é uma pessoa importante e especial. Além disso, dá espaço à mãe para desempenhar as tarefas principais (e.g., “trata bem a mãe”; “tratar a mãe com respeito”).

Além disso, o pai apoia a mãe das suas crianças não só na criação e educação das mesmas, mas também nas tarefas domésticas, dando tempo, espaço e oportunidade à mãe para desempenhar os seus papéis parentais (e.g., “partilhar de forma justa as atividades de cuidado da criança e do espaço onde esta se desenvolve e partilhar as responsabilidades de educação da mesma”; “dividindo as tarefas e responsabilidades igualmente com a mãe”).

7. *Análises descritivas*

Depois de finalizadas as categorias, foram realizadas novas leituras de modo a recategorizar as respostas obtidas. Seguidamente, foram contabilizadas a frequência de cada categoria e a produção lexical de cada resposta.

De notar que, para contabilizar a frequência de cada categoria, foram definidas unidades de registo. Segundo Bardin (2016), uma unidade de registo corresponde a um segmento do conteúdo analisado com o objetivo de categorização e contagem de frequências. Esta é caracterizada por alguma ambiguidade de critérios, graças à sua natureza e dimensões variáveis, podendo realizar-se recortes a nível semântico ou linguístico (Bardin, 2016). Considerando que a dimensão das respostas é variável, no âmbito deste estudo, os critérios foram variando mediante essa mesma dimensão de resposta.

Neste sentido, em repostas mais curtas como “alguém presente” a unidade de registo foi linguística, através das palavras, enquanto em repostas mais extensas (i.e., mais de 100 palavras), a unidade de registo foram frases (e.g., “Ser capaz de educar pelo exemplo, sendo por isso ser como ele um objetivo.”). Contudo, certas frases englobavam mais do que uma ideia, pelo que a unidade de registo poderia ser igualmente semântica. Veja-se a título de exemplo a frase “Ser bom pai é ser um pai presente, ser amigo e não só uma figura de autoridade”. Aqui, encontram-se três dimensões diferentes: pai como pessoa presente, enquadrando-se na categoria “acompanhamento, interesses e lazer”; pai como amigo, ideia englobada pela categoria “suporte socioafetivo”; e pai como figura de autoridade, como contempla a categoria “supervisão, autoridade e disciplina”. De facto, segundo Bardin (2016), a unidade de registo no âmbito do estudo de ideias, valores ou opiniões, assim como em respostas abertas, é o tema. Contudo, mesmo que a unidade de recorte seja normalmente semântica, pode existir uma correspondência com unidades formais, como a palavra ou a frase (Bardin, 2016).

No que concerne as categorias obtidas, a Tabela 2 sintetiza os resultados obtidos.

Tabela 2

Frequência de categorias

	<i>Frequência</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Estimulação cognitiva e aprendizagem	12	.060	.29
Apoio à mãe/companheira	27	.13	.41
Sustento económico e bem-estar	126	.59	.75
Supervisão, autoridade e disciplina	181	-.85	1.02
Acompanhamento, interesses e lazer	287	1.35	1.05
Suporte socioafetivo	379	1.79	1.30

Por outro lado, o mínimo de produção lexical foi de 2 palavras, enquanto o máximo foi de 257 palavras ($M = 45.1$, $DP = 45.6$).

8. Análises inferenciais

Depois de obtidos todos os dados pretendidos da análise qualitativa e descritiva, foram igualmente realizadas análises inferenciais.

Especificamente, começou por se realizar uma análise exploratória dos dados. A partir da mesma, foi possível constatar que nenhuma das variáveis segue uma distribuição normal ($p < .001$). No entanto, antes de se avançar para procedimentos não paramétricos, foi calculada a assimetria e curtose, uma vez que se o valor da assimetria for entre -2 e +2, e o da curtose entre -7 e +7, os dados podem ser considerados normais (Hair et al., 2010). Como se comprova pelos resultados apresentados na Tabela 3, todas as variáveis podem ser consideradas normais, à exceção das variáveis ECA e AAM⁴.

Tabela 3

Assimetria e Curtose

	<i>Assimetria</i>	<i>Curtose</i>
Género	-.90	.12
Idade	.31	-1.92
Município de origem	-.47	-1.79
Área de estudo	.11	-1.58
Supervisão, autoridade e disciplina	1.83	5.11
Sustento económico e bem-estar	1.23	1.59
Estimulação cognitiva e aprendizagens	5.79	34.6
Suporte socioafetivo	1.14	2.26
Acompanhamento, interesses e lazer	.91	1.51
Apoio à mãe/companheira	3.89	17.5

Dada esta possibilidade, foi realizada uma MANOVA, com o objetivo de testar os possíveis efeitos dos fatores “género”, “grupo etário”⁵, “área de estudos”⁶ e “município” nas diferentes categorias, excluindo aquelas que não cumpriram os requisitos de

⁴ Para facilitar a descrição dos dados quantitativos, as categorias serão referenciadas pela sigla correspondente, como exposto no início deste documento.

⁵ Os dados da variável “idade” foram divididos em dois grupos (i.e., 18-20 anos e 21-30 anos) em função da mediana dos dados, originando a variável “grupo etário”.

⁶ Os dados da variável “curso” foram divididos em três grupos (i.e., psicologia, ciências exatas, humanidades), originando a variável “área de estudos”.

normalidade. Verificaram-se efeitos significativos⁷ das variáveis “área de estudos” ($F(8, 366) = 2.50, p = .012$) e “município” ($F(4, 182) = 4.11, p = .003$), assim como das interações “género” e “área de estudos” ($F(8, 366) = 1.98, p = .047$) e “género” e “municípios” ($F(8, 366) = 2.96, p = .003$).

A análise subsequente do efeito multivariado com as ANOVAs a cada uma das 4 variáveis indica que o efeito da “área de estudos” apenas é significativo na variável SSA ($F(2, 185) = 3.04, p = .050, \eta^2 = .032$) e o da variável “municípios”, igualmente, em SSA ($F(1, 185) = 13.29, p < .001, \eta^2 = .067$) e AIL ($F(1, 185) = 5.59, p = .019, \eta^2 = .029$), sendo o maior efeito nas restantes variáveis $F(1,185) = .832, ns$. Por outro lado, nenhuma variável dentro da interação revelou um efeito significativo na interação “género” e “área de estudos” [maior efeito, $F(2, 185) = 2.67, ns$], enquanto na interação “género” e “municípios” existiu efeito apenas na variável SSA ($F(2, 185) = 8.21, p < .001, \eta^2 = .082$), sendo o maior efeito nas restantes $F(2, 185) = 2.63, ns$. Contudo, revelaram-se efeitos da interação “área de estudos” e “grupo etário” na variável SAD ($F(2, 185) = 3.38, p = .036, \eta^2 = .035$) [maior efeito nas restantes, $F(2, 185) = 1.85, ns$] e da interação “área de estudos”, “municípios” e “grupos etários”, igualmente, em SAD ($F(2,185) = 3.12, p = .047, \eta^2 = .033$) e SEBE ($F(2,185) = 4.00, p = .020, \eta^2 = .041$) [maior efeito nas restantes, $F(2, 185) = .177, ns$].

Relativamente aos efeitos verificados da “área de estudo”, pode dizer-se que estudantes de psicologia ($M = 1.98, DP = 1.38$) valorizam mais a dimensão do “suporte socioafetivo” do que estudantes das áreas das engenharias, ciências exatas e da saúde ($M = 1.52, DP = 1.21$), enquanto estudantes da área das ciências sociais, humanidades e artes ($M = 1.81, DP = 1.27$) valorizam tanto esta dimensão como as restantes pessoas. Na mesma linha de pensamento, considerando o efeito da variável “municípios”, é possível afirmar que pessoas naturais de municípios do distrito do Porto valorizam mais as dimensões de “suporte socioafetivo” ($M = 1.84, DP = 1.32$) e de “acompanhamento, interesses e lazer” do envolvimento paterno ($M = 1.41, DP = 1.12$) do que pessoas naturais de outros distritos ($M = 1.69, DP = 1.28$ e $M = 1.26, DP = .93$, respetivamente).

Focando nas interações de 1ª ordem, decompondo pela variável “municípios”, de forma a perceber como os efeitos do género variam em diferentes distritos, verifica-se um efeito em SSA dentro do distrito do Porto ($F(2,126) = 9.42, p < .001$) e em SAD dentro dos restantes distritos ($F(2, 78) = 4.54, p = .014$). Neste sentido, as mulheres

⁷ Recorrendo à variante Pillai's Trace.

naturais do distrito do Porto valorizam mais a dimensão de “suporte socioafetivo” ($M = 1.88$, $DP = 1.16$) que os homens do mesmo distrito ($M = 1.57$, $DP = 1.48$). Por outro lado, os homens naturais de outros distritos valorizam mais a dimensão de “supervisão, autoridade e disciplina” ($M = 1.33$, $DP = 1.33$), do que as mulheres naturais desses distritos ($M = .66$, $DP = .77$).

Por sua vez, a interação “área de estudos” e “grupo etário” foi decomposta pela primeira, verificando-se apenas um efeito em SAD dentro de estudantes das áreas de engenharias, ciências da saúde e exatas ($F(1, 60) = 4.00$, $p = .050$). Neste sentido, estudantes das engenharias, ciências da saúde e exatas entre os 21 e os 30 anos valorizam mais a “supervisão, autoridade e disciplina” da figura paterna ($M = 1.30$, $DP = 1.11$), do que estudantes da mesma área com idades entre os 18 e os 20 anos ($M = .76$, $DP = 1.04$).

Por último, considerando a interação de 2ª ordem, fixando os valores das variáveis “municípios” e “área de estudo”, existiram efeitos em SSA em estudantes de psicologia de outros distritos ($F(1, 28) = 8.67$, $p = .006$), SAD em estudantes de engenharias, ciências da saúde e exatas de outros distritos ($F(1, 26) = 16.74$, $p < .001$) e SEBE em estudantes de ciências sociais, humanidades e artes de outros distritos ($F(1, 21) = 10.12$, $p = .004$) e do distrito do Porto ($F(1, 43) = 4.11$, $p = .049$). Deste modo, estudantes de psicologia, naturais de outros distritos, com idades entre os 18 e os 20 anos valorizam mais a dimensão de “suporte socioafetivo” ($M = 2.29$, $DP = .83$) do que estudantes com idades entre os 21 e os 30 anos ($M = 1.25$, $DP = 1.07$). Por outro lado, estudantes de engenharias, ciências da saúde e exatas, naturais de outros distritos, com idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos valorizam menos a “supervisão, autoridade e disciplina” ($M = .39$, $DP = .50$) do que estudantes com 21 a 30 anos ($M = 1.80$, $DP = 1.32$). Finalmente, estudantes de ciências sociais, humanidades e artes, naturais de outros distritos, com idades entre os 18 e os 20 anos valorizam mais a dimensão do “sustento económico e bem-estar” ($M = 1.44$, $DP = 1.01$) do que estudantes entre os 21 e 30 anos ($M = .36$, $DP = .63$), enquanto que em estudantes da mesma área, mas do distrito do Porto, os estudantes mais novos valorizam menos esta dimensão ($M = .34$, $DP = .62$) do que os mais velhos ($M = .88$, $DP = 1.15$).

Discussão

1. *Discussão de resultados*

Como previamente contemplado, o papel paterno tem sofrido alterações não só na sua definição, através das opiniões e ideias que imperam na sociedade, mas também na prática parental.

Uma das principais funções agora exigidas aos pais, que antes não era considerada, é a afetividade e o companheirismo, especialmente nas gerações mais novas e literatura mais recente (Vieira & Souza, 2010). De facto, a categoria mais vezes referida pela amostra de participantes deste estudo foi o “suporte socioafetivo”, seguida de “acompanhamento, interesses e lazer”. As pessoas participantes parecem valorizar mais que o simples carinho de um pai, mas sim que este oiça o que os filhos ou filhas têm para dizer, não parta para o julgamento e que apoie e ame incondicionalmente. Quando referido que o pai deve cuidar das necessidades dos seus filhos ou filhas, muitas pessoas discriminaram essas necessidades incluindo as emocionais, chegando, até, a considerá-las prioritárias (e.g., “Alguém que primeiramente se preocupa em ter todas as necessidades da criança atendidas, em todas as áreas, quer física, quer motora, quer social, quer emocional”). Aliado a isto, houve igualmente referência a que o pai fosse um exemplo na expressão de emoções e fosse também ele vulnerável com os seus filhos ou filhas (e.g., “partilhar também as coisas que gosta ou as que o deixam triste”).

O ser humano, homem ou mulher, pode aprender e fornecer cuidado físico e emocional, mas essa função, principalmente na dimensão emocional, parece ser unicamente ensinada às mulheres e futuras mães, sendo os pais desresponsabilizados da mesma (Tiedje & Darling-Fisher, 1996). Lamb (1982) destaca como a criança procura contacto e proximidade tanto com a mãe como com o pai, mostrando angústia quando se separa de ambos e confortando-se com a presença dos dois. Tiedje e Darling-Fisher (1996) relevam como pais não só envolvidos como atentos às necessidades da criança têm um impacto positivo na mesma, nomeadamente, a nível de competências sociais e cognitivas. O envolvimento e apoio emocional das figuras parentais é algo que estudantes do ensino superior, especialmente mais novos, reportam necessitar (Kenny, 1987), pelo que é compreensível que esta seja uma dimensão bastante presente, e em especial nesta amostra de participantes, quando se pensa no papel paterno.

Ainda inserido no “suporte socioafetivo”, dentro das pessoas que mencionaram a importância de o pai ser alguém compreensivo e de também ele poder expressar as suas emoções, algumas referiram que a figura paterna não deve impor a sua vontade nos seus filhos ou filhas (e.g., “respeitar as diferenças que possam existir entre pai e filho, sem tentar impor uma determinada ideia ou pré-concepção, abrindo, assim caminho para o diálogo livre, criando uma relação baseada na confiança e deixando o filho confortável para falar sobre qualquer assunto”). Aliás, existiram participantes que mencionaram, concretamente, o respeito pela orientação sexual e identidade de género dos filhos ou filhas (e.g., “numa perspectiva de abertura à identidade que a filha escolher (inclusive abrindo a possibilidade para uma "mudança" de género, isto para ambos os sexos)”; “é aceitar todos os aspetos que o compõem (ex: orientação sexual, religião, identidade de género)”). Efetivamente, a juventude LGBTQ+ encontra-se em maior risco de pobre saúde mental e física, assim como pode experienciar uma menor proximidade parental, maior abuso parental e desalojamento (Katz-Wise et al., 2016). Por outras palavras, jovens LGBTQ+ veem as relações com as suas figuras parentais desafiadas, sendo que comportamentos de rejeição por parte das mesmas durante a adolescência estão associados a abuso de substâncias, depressão, tentativa de suicídio e saúde sexual em risco em jovens pessoas adultas da comunidade (Ryan et al., 2010).

Desta forma, e também segundo as respostas recebidas, é necessário que o pai seja alguém empático que, deparando-se com algo com o qual não está familiarizado, procura compreender o filho ou filha (e.g., “tenta compreender os nossos sentimentos e inseguranças”; “Deve aceitar os comportamentos e decisões do filho (desde que não nocivos) apesar de não os entender por vezes”; “é ser compreensivo e não julgar”). Para isso, é necessária uma disponibilidade emocional.

Segundo a teoria da estrutura social, homens e mulheres tendem a desempenhar diferentes papéis sociais, sendo essa a causa das diferenças psicológicas entre ambos, como forma de se adaptarem aos papéis em causa (Eagly & Wood, 1999). De facto, desde a infância, os homens comportam-se seguindo normas de género masculinas (Cole et al., 2018), como o controlo emocional, concretamente, que um homem não deve chorar (Cole et al., 2018; Mahalik et al., 2003; Wong & Rochlen, 2008). Por outro lado, Lamb e Easterbrooks (1981) definem a sensibilidade parental como uma tendência da pessoa adulta para providenciar respostas contingentes, consistentes e apropriadas às necessidades e sinais da criança. Efetivamente, uma resposta adequada, consistente e imediata da pessoa adulta permite à criança percebê-la como previsível e confiável

(Lamb et al., 1985), contribuindo para o sentimento de segurança da mesma. Neste sentido, importa refletir acerca das ações parentais de forma a desconstruir papéis de género desadequados e, conseqüentemente, providenciar à criança suporte emocional. No fundo, o questionamento de normas de género poderá permitir uma figura paterna mais empática, disponível e afetuosa.

A segunda categoria mais vezes referida pelas pessoas participantes foi a de “acompanhamento, interesses e lazer”. O principal foco nas respostas dentro desta dimensão foi a presença do pai em todos os aspetos da vida da criança (e.g., “Ser um bom pai é estar sempre presente na vida do filho/filha. É o estar presente nomeadamente nos momentos mais importantes da sua vida, como ver um espetáculo que o filho vai participar.”).

A presença do pai assumiu, muitas vezes, nas respostas obtidas, um carácter contínuo. Por outras palavras, o pai não deve apenas “estar lá”, mas envolver-se de tal forma que acompanha todo o percurso do filho ou filha (e.g., “acompanha todas as etapas até mesmo quando o filho se torna adulto”; “Um bom pai acompanha o percurso dos filhos, de perto (mesmo que mais longe geograficamente)”; “Ser um bom pai, é ser presente na vida dos filhos, acompanhando os mesmos nas suas atividades, nas suas dificuldades e problemas”). Lamb e colaboradores (1985) especificam que a disponibilidade do pai pressupõe uma presença ou acessibilidade de forma a potenciar uma interação com a criança. Precisamente, algumas pessoas mencionaram que o pai deve “participar” ou “interessar-se” pela vida do filho ou da filha (e.g., “Estar presente durante a vida dos filhos, participar também em tudo o que esteja relacionada com o bem-estar, futuro e problemas dos filhos.”; “alguém que tem interesse em participar ativamente na educação e na vida dos seus filhos.”; “Participar ativamente na rotina e no desenvolvimento da criança, estar presente nas diferentes fases”).

Contudo, estar envolvido e presente não significa não dar espaço à criança e deixá-la cometer erros. Como afirmaram nas respostas obtidas, é necessária autonomia (e.g., “ter uma posição ativa e participativa na vida dos filhos (...) incentivando os bons hábitos e cultivando a felicidade destes filhos com base naquilo que os filhos perspetivam para os seus futuros; (...) dar liberdade para que os filhos se desenvolvam, evoluam, cresçam e prosperem”). Aquilino e Supple (2001) reportam que, aliada à categoria anterior (i.e., “suporte socioafetivo”), uma individuação bem-sucedida contribui para competências psicossociais positivas para além da adolescência. Neste

sentido, o suporte socioafetivo aliado a um acompanhamento e promoção de autonomia, perspetivando o futuro da criança, são cruciais para um bom desenvolvimento.

A alta frequência do “suporte socioafetivo”, seguida do “acompanhamento, interesses e lazer”, contrasta com a frequência das categorias “supervisão, autoridade e disciplina” e “sustento económico e bem-estar”, uma vez que estas últimas eram, e por vezes ainda são, consideradas as dimensões principais do papel paterno (Lima, 2018). No entanto, a baixa frequência destas categorias em comparação com, especificamente, o “suporte socioafetivo” e o “acompanhamento, interesses e lazer” é congruente com a mudança social a que se tem assistido (i.e., o pai deve não só providenciar recursos para a sua família e ser um guia moral, mas também responder às necessidades da criança, ser afetuoso, interessar-se pela vida da mesma e dividir as tarefas parentais e domésticas com a mãe ou companheira (Mora, 2005)). Apesar do foco nestas dimensões ainda existir, descurando outras simultaneamente, e o facto de nem sempre ser visível esta mudança reportada na ação paterna (Balanchó, 2004; Mora, 2005; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008), estudos sobre a paternidade indicam a importância e existência de um processo de transformação do modelo patriarcal, baseado no homem provedor (Mora, 2005). Na mesma linha de pensamento, esse processo permite uma maior proximidade emocional na relação pai-filho/filha, partilha de responsabilidades e maior envolvimento nos cuidados parentais (Vieira & Souza, 2010), pelo que a frequência das categorias mencionadas nas respostas recebidas é racional.

Por outro lado, a categoria menos frequente nas respostas recebidas foi a de “estimulação cognitiva e aprendizagens”. Efetivamente, os pais desempenham um papel crucial no desenvolvimento intelectual da criança, nomeadamente, através do encorajamento da leitura, permitindo um desenvolvimento linguístico e melhor compreensão, e ajuda nos trabalhos de casa e de estabelecimento de hábitos escolares (Bandura, 1993). Estando cientes deste papel, a fraca frequência desta categoria deve ser questionada. Miller (1988) releva a pertinência das crenças das figuras parentais no desenvolvimento da criança, pois essas vão influenciar as ações parentais. Apesar deste autor focar especificamente as crenças das figuras parentais, importa relacioná-las com os dados deste estudo, pois as pessoas que participaram neste estudo poderão ser futuros pais e mães. Estando o desenvolvimento intelectual, muitas vezes, associado ao processo de educação realizado pela escola, colocando a responsabilidade na mesma, e considerando que todas as outras dimensões têm sido bastante citadas na literatura, é compreensível que as respostas recebidas contenham menos menções à categoria em

causa. Por outras palavras, a promoção do desenvolvimento intelectual pode não ser uma tarefa tão associável ao papel parental, paterno ou materno, comparativamente com dimensões como o suporte socioafetivo ou o acompanhamento.

No entanto, esta tarefa não é a única que se associa a ambas as figuras parentais. Efetivamente, não parece haver diferenças entre o homem e a mulher no que diz respeito à competência para os cuidados com os filhos e respetiva relação (Visentin & Lhullier, 2019). Certas pessoas participantes definiram um bom pai como alguém que consegue “ser exatamente como uma mãe” ou que faz “pelos seus filhos tudo aquilo que cobramos das mães na sociedade”. Através destas respostas, não só se colocam em pé de igualdade as tarefas paternas e maternas, mas também se denota o protagonismo feminino e materno na parentalidade. A verdade é que, apesar desse protagonismo ainda se manter, para além de existir um maior desejo de participação na vida dos filhos ou filhas por parte da figura paterna (Anderson, 1996), a paternidade está a assumir características mais associadas à figura materna (Hall, 1994), como a afetividade ou o cuidado com as necessidades básicas da criança.

Poucas foram as respostas que incluíram a comparação entre ser um “bom pai” àquilo que uma “boa mãe” é. Contudo, sempre que a categoria “apoio à mãe/companheira” foi mencionada, as pessoas participantes focavam na necessidade de o pai apoiar a mãe nas tarefas não só domésticas como parentais. Aliás, algumas chegaram até a especificar que o pai deve apoiar a mãe, ainda antes desta assumir este papel (e.g., “[Pai é] aquele que antes mesmo do filho nascer está a apoiar/ajudar [a] pessoa que carrega o seu filho no ventre dando-lhe amor, ajudando em todas as tarefas possíveis e, no geral, facilitando a vida da pessoa grávida para que o stress quotidiano não atinja o seu filho.”).

Efetivamente, o maior envolvimento paterno ao longo da vida da criança começa a perspetivar-se durante o acompanhamento do pai na gestação e parto (Lima, 2018). Ao mesmo tempo, a literatura tem demonstrado que os homens têm aumentado a sua participação nas tarefas domésticas, no quotidiano da criança, no cuidado com a mesma (i.e., apesar deste ocorrer de forma irregular e por vezes como auxílio à companheira) e o afeto e proximidade na relação com esta (Vieira & Souza, 2010). Neste sentido, é importante salientar a importância da coparentalidade, principalmente depois de esta ter deixado de ser abordada apenas em âmbito de divórcio e assumir um papel de reforço do dever de ambas as figuras parentais no cuidado da criança (Pilkington et al., 2019). Ademais, alguns homens reclamam a postura das companheiras e profissionais com

quem lidam por desconsiderarem a sua participação nas tarefas parentais, advogando uma aceitação e reconhecimento da sua forma de criar as crianças (Sutter & Bucher-Malushcke, 2008; Vieira & Souza, 2010). Desta forma, a coparentalidade pode permitir uma melhor gestão dos papéis parentais, repartindo tarefas de forma mais igualitária e permitindo aos pais desempenhá-las como melhor entenderem e puderem.

No que diz respeito às análises quantitativas, percebeu-se que existem diferenças significativas entre as categorias consoante a área de estudo e o município de origem, assim como, quando conjugadas com outras variáveis, o género e o grupo etário.

De facto, estudantes de psicologia destacaram-se nos dados relativos ao “suporte socioafetivo”. Este destaque vai ao encontro da informação relevada por Hernández-Franco e colaboradores (2018) de que estudantes de psicologia, principalmente que já iniciaram o curso, procuram comunicação e relação com outras pessoas e têm orientação para o cuidado das mesmas (i.e., características que vão ao encontro da dimensão em causa). Por outro lado, estudantes das engenharias, ciências da saúde e exatas também se destacaram nesta categoria e na “supervisão, autoridade e disciplina”. A ciência costuma estar associada aos factos e ser desprovida de valores (Koster & Regt, 2020), facilitando uma visão objetiva. Ora, esta visão objetiva pode contribuir para uma diminuição da consideração de certas dimensões do envolvimento paterno em estudantes destas áreas, como o “suporte socioafetivo”, e a sobrevalorização de outras, como a “supervisão, autoridade e disciplina”.

Por sua vez, pessoas naturais do distrito do Porto sobressaíram pela positiva em relação a pessoas de outros distritos nas duas categorias mais referidas (i.e., “suporte socioafetivo” e “acompanhamento, interesses e lazer”). De facto, Portugal pode parecer um país “a duas velocidades”, destacando-se pelo grande contraste entre norte e sul, assim como litoral e interior (Ferrão, 2002, p.157). A dicotomia mais alarmante parece ser entre o litoral, que é mais jovem, mais rico e mais infraestruturado, e o interior, caracterizado por um envelhecimento e menos oportunidades (Unidade de Missão para a Valorização do Interior, 2017). É de salientar, ainda, como estas características litorais são assoberbadas nas áreas metropolitanas e a forma como estas asseguram um conjunto de bens e serviços, educação e saúde (Unidade de Missão para a Valorização do Interior, 2017). Deste modo, e por um lado, poderá fazer sentido pessoas naturais do distrito do Porto, um dos mais desenvolvidos do país, valorizarem mais estas dimensões do envolvimento paterno, em detrimento de outras que se associavam outrora a um pai mais rígido (i.e., “supervisão, autoridade e disciplina” e “sustento económico e bem-

estar”, apesar de estas contribuírem, igualmente, para a constituição de um “bom pai”). Por outro lado, a discrepância entre participantes naturais do distrito do Porto ($n = 129$) e de outros distritos ($n = 81$), bem como a junção de participantes de vários distritos num só grupo (e.g., Lisboa, Braga, Viseu, Portalegre) pode não permitir uma leitura clara dos resultados, pelo que é necessária parcimónia na sua interpretação. Esta parcimónia deve manter-se em relação às restantes variáveis em causa (i.e., área de estudos, grupo etário, género), face à disparidade igualmente observada de participantes entre grupos.

Em suma, e no que concerne as questões de investigação, a dimensão mais valorizada do envolvimento paterno foi a do “suporte socioafetivo”, seguida de “acompanhamento, interesses e lazer”. Ademais, a definição de um “bom pai” parece variar, sobretudo, com a área de estudos e município de origem, apesar das restantes variáveis revelarem igualmente efeitos quando combinadas.

2. Limitações e implicações

Este estudo apresenta algumas limitações. Primeiramente, teria sido benéfico uma amostra maior para as análises quantitativas, garantindo não só uma maior robustez dos resultados, mas também de forma a cumprir os requisitos de normalidade.

Além disso, não só a amostra poderia ser maior, mas também mais diversificada, já que as pessoas participantes se encontravam demasiado concentradas em determinados grupos (e.g., o número de mulheres, estudantes de psicologia, pessoas naturais do distrito do Porto e pessoas com idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos era consideravelmente superior ao número de homens, estudantes de outras áreas, pessoas naturais de outros distritos e pessoas de outras idades) e em determinadas categorias (e.g., “suporte socioafetivo” mencionada 379 vezes, enquanto “estimulação cognitiva e aprendizagens” apenas 12).

Por outro lado, aliado ao último aspeto referido, os meios de divulgação poderiam ter sido mais diversificados (e.g., e-mails dinâmicos de outras instituições do país; grupos universitários de várias áreas de estudo e instituições), permitindo uma maior diversidade na amostra.

Ademais, o recurso a respostas abertas pode ter permitido uma análise em maior dimensão, mas o uso de entrevistas ou grupos focais poderia oferecer maior *insight*

sobre as dimensões do envolvimento paterno mais valorizadas e clarificar certas respostas.

Apesar destas limitações, este estudo contribuiu para alargar o conhecimento acerca da paternidade em Portugal, concretamente das ideias de estudantes do ensino superior sobre o envolvimento paterno. Efetivamente, o comportamento é resultante da forma como o ser humano o compreende e representa (Moscovici, 1988), pelo que o estudo das representações sociais nesta população permitiu incentivar uma mudança social na conceptualização do papel paterno e, concretamente, do seu envolvimento. Em específico, não só abriu caminho para uma desconstrução e reflexão de estereótipos, papéis de género e parentais, mas também permitiu a quem participou de forma direta questionar-se sobre o tipo de relação que querem com os seus pais e que papéis parentais gostariam de desempenhar posteriormente. Desta forma, e em termos práticos, estes resultados poderão contribuir para a adequação de programas de promoção de competências parentais ou outras intervenções no domínio da parentalidade.

Para estudos futuros, seria interessante recorrer a uma abordagem longitudinal, comparando a perspetiva das pessoas sobre o papel paterno antes de terem filhos ou filhas com a sua perspetiva após serem pais ou mães. Finalmente, o comportamento humano pode revelar as informações recolhidas e representações construídas, por vezes por meio de artefactos culturais como revistas ou os media (Visentin & Lhullier, 2019). Desta forma, importa considerar o papel dos media no comportamento geral das pessoas, mas, em específico, dos pais, pelo que poder-se-iam estudar as representações sociais acerca desta temática através de uma análise de *posts* de Facebook, Twitter, Instagram ou outro tipo de conteúdo e de outras redes sociais.

Conclusão

A paternidade abarca várias dimensões diferentes, que estão longe de ser devidamente estudadas. O impacto da participação paterna e tudo o que esta acarreta necessita de um estudo mais aprofundado, apesar de todo o trabalho pertinente desenvolvido até à data, que começa, precisamente, pelas representações sociais da paternidade.

As representações sociais tornam possível ao ser humano classificar pessoas e objetos, bem como comparar e explicar comportamentos, dando sentido à informação que o indivíduo assimila no quotidiano (Moscovici, 1988). A representação inclui, ainda, a marca e atividade do indivíduo, permitindo a sua expressão (Jodelet, 2003), ou seja, pode influenciar o seu comportamento.

Tornando familiares as representações de um conjunto de pessoas, revela-se a possibilidade de compreender o conjunto de códigos culturais que definem as regras de uma comunidade (Oliveira & Werba, 2002). Neste sentido, sabendo as dimensões mais valorizadas pelo “senso comum”, pode aliar-se o conhecimento científico e serem promovidas dimensões importantes e menos consideradas.

Sabe-se que o envolvimento paterno contribui, de entre vários níveis, para o desenvolvimento cognitivo, social e físico, desempenho escolar, bem-estar emocional e comportamento da criança, impactando igualmente a participação do pai na comunidade, a satisfação pessoal, conjugal e bem-estar psicológico do próprio (Lima, 2018).

No entanto, muitos homens não se encontram preparados para a paternidade e possuem uma rede de suporte social limitada, o que poderá contribuir para o stress no desempenho deste papel e restringir o envolvimento na relação com a criança (McBride, 1989). Comparativamente com a mãe, e apesar de já se assistir a uma mudança, o pai continua a estar menos envolvido na socialização da criança e nas tarefas diárias associadas à mesma, levando a que o seu papel receba uma conotação mais negativa (Balancho, 2004).

No caso deste estudo, os resultados parecem demonstrar novas opiniões e ideias já consonantes com o que é dito pela literatura mais recente (Amaral et al., 2020; Duckworth & Buzanell, 2009; Lamb, 2000; Milkie & Denny, 2014; Tiedje & Darling-Fisher, 1996) – o pai já não tem como únicas responsabilidades providenciar recursos financeiros à família e assumir uma postura rígida de autoridade com os seus filhos ou

filhas. Neste momento, espera-se que o pai não só contribua para o rendimento familiar e discipline a criança, como esteja presente em todos os aspetos da vida da mesma, responda às suas necessidades físicas, emocionais e intelectuais, passando valores e constituindo um exemplo a seguir. Além disso, espera-se igualmente uma divisão de tarefas domésticas e parentais com a mãe e/ou companheira, permitindo que ambos possam desempenhar os seus papéis em pleno.

Assim, como definem Morman e Floyd (2006), um bom pai, no século XXI, deve ser carinhoso, afetuoso, envolvido, cuidador e consistente. Todas estas dimensões constituem o conceito lato que é o envolvimento paterno, pelo que se deve continuar a aprofundar esta temática de forma a incentivar ação paterna, não só diretamente com a criança, mas também no que diz respeito ao apoio à mãe.

Referências bibliográficas

Amaral, R., Monteiro, L., Santos, C., & Torres, N. (2020). Crenças sobre o papel do pai numa amostra de homens portugueses: Implicações para uma parentalidade positiva. *Revista da Associação Portuguesa de Psicologia*, 34(2), 159–170. <https://doi.org/10.17575/psicologia.v34i2.1517>

Anderson, A. M. (1996). The father-infant relationships: Becoming connected. *Journal of the Society of Pediatric Nurses*, 1(2), 83–92. <https://doi.org/10.1111/j.1744-6155.1996.tb00005.x>

APA. (2023). *APA dictionary of psychology*. <https://dictionary.apa.org/>

Aquilino, W. S., & Supple, A. J. (2001). Long-term effects of parenting practices during adolescence on well-being: Outcomes in young adulthood. *Journal of Family Issues*, 22(3), 289–308. <https://doi.org/10.1177/019251301022003002>

Bandura, A. (1993). Perceived self-efficacy in cognitive development and functioning. *Educational Psychologist*, 28(2), 117-148. https://doi.org/10.1207/s15326985ep2802_3

Balancho, L. S. F. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 22(2), 377-386. <https://doi.org/10.14417/ap.198>

Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. (1ª Ed.). Edições 70.

Bornstein, M. H. (1995). Parenting infants. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting, Vol. 1. Children and parenting* (pp. 3–39). Lawrence Erlbaum Associates, Inc. <https://psycnet.apa.org/record/1995-98594-001>

Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71(1), 127-136. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00126>

César, F., Oliveira, A., & Fontaine, A. M. (2020). Mães cuidadoras, pais imperfeitos: Diferenças de gênero numa revista portuguesa para mães e pais. *Ex Aequo*, 41, 179-194. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2020.41.11>

Cole, B. P., Baglieri, M., Ploharz, S., Brennan, M., Ternes, M., Patterson, T., & Kuznia, A. (2018). What's right with men? Gender role socialization and men's positive functioning. *American Journal of Men's Health*, 1-12. <https://doi.org/10.1177/1557988318806074>

Cowan, P. A., Powell, D., & Cowan, C. P. (1998). Parenting interventions: A family systems perspective. In W. Damon, I. E. Sigel, & K. A. Renninger (Eds.), *Handbook of child psychology: Child psychology in practice* (pp. 3-72). John Wiley & Sons Inc. <https://psycnet.apa.org/record/2005-03131-001>

Doucet, A. (1995). Gender equality and gender differences in household work and parenting. *Women's Studies International Forum*, 18(3), 271-284. [https://doi.org/10.1016/0277-5395\(95\)80072-W](https://doi.org/10.1016/0277-5395(95)80072-W)

Duckworth, J. D., & Buzzanell, P. M. (2009). Constructing work-life balance and fatherhood: Men's framing of the meanings of both work and family. *Communication studies*, 60(5), 558-573. <https://doi.org/10.1080/10510970903260392>

Eagly, A. H., & Wood, W. (1999). The origins of sex differences in human behavior: Evolved dispositions versus social roles. *American Psychologist*, 56(6), 408-423. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.54.6.408>

Federal Interagency Forum on Child and Family Statistics (1998). *Nurturing fatherhood: Improving data and research on male fertility, family formation and fatherhood*. U.S. Government Printing Office.

Ferrão, J. (2002). Portugal, três geografias em recombinação: Espacialidades, mapas cognitivos e identidades territoriais. *Lusotopie*, 9(2), 151-158. https://www.persee.fr/doc/luso_1257-0273_2002_num_9_2_1520

Galinsky, E., Aumann, K., & Bond, J. T. (2013). Times are changing: Gender and generation at work and at home in the USA. In S. Poelmans, J. H. Greenhaus, & M. L. H. Maestro (Eds.), *Expanding the boundaries of work–family research: A vision for the future* (pp. 279-296). Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1057/9781137006004_13

Garfield, C. F., & Isacco, A. J. III. (2012). Urban fathers' involvement in their child's health and healthcare. *Psychology of Men and Masculinity*, 13(1), 32-48. <https://doi.org/10.1037/a0025696>

Gill, R. (2003). Power and the production of subjects: A genealogy of the new man and the new lad. *The Sociological Review*, 51(1), 34-56. <https://doi.org/10.1111/j.1467-954X.2003.tb03602.x>

Golden, A. G. (2001). Modernity and the communicative management of multiple roles: The case of the worker-parent. *Journal of Family Communication*, 1(4), 233-264. https://doi.org/10.1207/S15327698JFC0104_02

Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2010). *Multivariate Data Analysis*. (7th ed.). Pearson Educational International.

Hall, W. A. (1994). New fatherhood: Myths and realities. *Public Health Nursing*, 11(4), 219-228. <https://doi.org/10.1111/j.1525-1446.1994.tb00415.x>

Hawkins, A. J., Bradford, K. P., Palkovitz, R., Christiansen, S. L., Day, R. D., & Call, V. R. A. (2002). The inventory of father involvement: A pilot study of a new measure of father involvement. *The Journal of Men's Studies*, 10(2), 183-196. <https://doi.org/10.3149/jms.1002.183>

Hernández-Franco, V., Baena, B. C., Prieto-Úrsua, M., & Toro, L. B. (2018). “I want to study psychology”: Vocational interests and values of university preparatory students with a preference for studying psychology. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, 16(1), 175-198. <https://doi.org/10.25115/ejrep.v16i44.1943>

Hochschild, A. R., & Machung, A. (2012). *The second shift: working parents and the revolution at home*. Penguin Books.

Höijer, B. (2011). Social representations theory: A new theory for media research. *Nordicom Review*, 32(2), 3-16. <https://doi.org/10.1515/nor-2017-0109>

Jodelet, D. (1985). La representación social: Fenómenos, concepto y teoría. In: S. Moscovici (Ed.), *Psicología social, vol. 2: Pensamiento y vida social / Psicología social y problemas sociales* (pp. 469-494). Paídos.

Jodelet, D. (2003). Représentations sociales: Un domaine en expansion. In D. Jodelet (Ed.), *Les représentations sociales* (pp. 45-78). Presses Universitaires de France. <https://doi.org/10.3917/puf.jodel.2003.01.0045>

Katz-Wise, S. L., Rosario, M., & Tsappis, M. (2016). Lesbian, gay, bisexual, and transgender youth and family acceptance. *Pediatric Clinics of North America*, 63(6), 1011–1025. <https://doi.org/10.1016/j.pcl.2016.07.005>

Kenny, M. E. (1987). The extent and function of parental attachment among first-year college students. *Journal of Youth and Adolescence*, 16(1), 17-29. <https://doi.org/10.1007/bf02141544>

Koster, E., & Regt, H. W. (2020). Science and values in undergraduate education. *Science & Education*, 29, 123-143. <https://doi.org/10.1007/s11191-019-00093-7>

Lamb, M. E. (1982). Parental influences on early socio-emotional development. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 23(2), 185-190. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1982.tb00063.x>

Lamb, M. E. (2000). The history of research on father involvement: An overview. *Marriage & Family Review*, 29(2-3), 23–42. https://doi.org/10.1300/J002v29n02_03

Lamb, M. E. (2001). Male roles in families “at risk”: The ecology of child maltreatment. *Child Maltreatment*, 6(4), 310-213. <https://doi.org/10.1177%2F1077559501006004004>

Lamb, M. E., & Easterbrooks, A. (1981). Individual differences in parental sensitivity: Some thoughts about origins, components, and consequences. In M. E. Lamb & L. R. Sherrod (Eds.), *Infant social cognition: Empirical and theoretical considerations* (pp. 127-153). Lawrence Erlbaum Associates.

Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal behavior in humans. *American Zoologist*, 25(3), 883-894. <https://doi.org/10.1093/icb/25.3.883>

Lamb, M. E., & Tamis-LeMonda, C. S. (2004). The role of the father: An introduction. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 1–31). John Wiley & Sons, Inc. <https://psycnet.apa.org/record/2004-13687-001>

Lerner, R. M. (2004). Urie Bronfenbrenner: Career contributions of the consummate developmental scientist. In Bronfenbrenner, U. (Ed.), *Making Human Beings Human* (pp. 9-26). SAGE Publications, Inc.

Lima, J. A., Serôdio, R., & Cruz, O. (2009). O envolvimento do pai no processo desenvolvimental dos filhos: Uma abordagem intergeracional. *Psicologia*, 23(2), 103-114. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v23i2.330>

Lima, J. A. (2018). O envolvimento do pai: Formas, fatores e consequências. In *Parentalidade e gênero* (pp. 9-48). Centro de Estudos Judiciários. <https://cej.justica.gov.pt/LinkClick.aspx?fileticket=ccoQy9wqXmI%3D&portalid=30>

Lorber, J. (1994). Rocking the cradle: Gendered parenting. In *Paradoxes of Gender* (pp. 144-171). Yale University Press. <https://www.jstor.org/stable/j.ctt1bhkntg>

Mahalik, J. R., Locke, B. D., Ludlow, L. H., Diemer, M. A., Scott, R. P. J., Gottfried, M., & Freitas, G. (2003). Development of the conformity to masculine norms inventory. *Psychology of Men & Masculinity*, 4(1), 3–25. <https://doi.org/10.1037/1524-9220.4.1.3>

Matias, M., Andrade, C., & Fontaine, A. M. (2011). Diferenças de género no conflito trabalho-família: Um estudo com famílias portuguesas de duplo-emprego com filhos em idade pré-escolar. *Psicologia*, 25(1), 9-32. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v25i1.277>

McBride, B. A. (1989). Stress and fathers' parental competence: Implications for family life and parent educators. *Family Relations*, 38(4), 385-389. <https://doi.org/10.2307/585742>

Melo, S. C. H. de, & Marin, A. H. (2016). Influência das composições familiares monoparentais no desenvolvimento da criança: Revisão de literatura. *Revista da SPAGESP*, 17(1), 4-13.

Miller, S. A. (1988). Parents' beliefs about children's cognitive development. *Child Development*, 59(2), 259-285. <https://doi.org/10.2307/1130311>

Milkie, M. A., & Denny, K. E. (2014). Changes in the cultural model of father involvement: Descriptions of benefits to fathers, children, and mothers in parents' magazine, 1926-2006. *Journal of Family Issues*, 35(2), 223-253. <https://doi.org/10.1177/0192513X12462566>

Mora, M., (2005). Emoción, género y vida cotidiana: Apuntes para una intersección antropológica de la paternidad. *Espiral*, 12(34), 9-35.

Morman, M. T., & Floyd, K. (2006). Good fathering: Father and son perceptions of what it means to be a good father. *Fathering: A Journal of Theory, Research, and Practice about Men as Fathers*, 4(2), 113-136. <https://doi.org/10.3149/ft.0402.113>

Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, 18(3), 211-250. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420180303>

National Institute of Child Health and Human Development Early Child Care Research Network (2004). Fathers' and mothers' parenting behavior and beliefs as predictors of

children's social adjustment in the transition to school. *Journal of Family Psychology*, 18(4), 628–638. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.18.4.628>

Negrini, L. S. (2020). Coparenting supports in mitigating the effects of family conflict on infant and young child development. *Social Work*, 65(3), 278, 287. <https://doi.org/10.1093/sw/swaa027>

Nentwich, J. C. (2008). New fathers and mothers as gender troublemakers? Exploring discursive constructions of heterosexual parenthood and their subversive potential. *Feminism & Psychology*, 18(2), 207–230. <https://doi.org/10.1177%2F0959353507088591>

Oliveira, F. O. de, & Werba, G. C. (2002). Representações sociais. In M. da G. C. Jacques, M. N. Strey, N. M. G. Bernardes, P. A. Guareschi, S. A. Carlos, & T. M. G. Fonseca (Eds.), *Psicologia social contemporânea: Livro-texto*. pp. 104-117. Vozes.

Pilkington, P., Rominov, H., Brown, H. K., & Dennis, C. (2019). Systematic review of the impact of coparenting interventions on paternal coparenting behaviour. *Journal of Advanced Nursing*, 75(1), 17-29. <https://doi.org/10.1111/jan.13815>

Pordata. (2023). Idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho. <https://www.pordata.pt/portugal/idade+media+da+mae+ao+nascimento+do+primeiro+filho-805>

Ryan C., Russell, S. T., Huebner, D., Diaz R., & Sanchez, J. (2010). Family acceptance in adolescence and the health of LGBT young adults. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 23(4), 205–213. <https://doi.org/10.1111/j.1744-6171.2010.00246.x>

Riley, S. C. E. (2003). The management of the traditional male role: A discourse analysis of the constructions and functions of provision. *Journal of Gender Studies*, 12(2), 99-113. <https://doi.org/10.1080/0958923032000088300>

Sanchez, L., & Thomson, E. (1997). Becoming mothers and fathers: Parenthood, gender, and the division of labor. *Gender & Society*, 11(6), 747-772. <https://doi.org/10.1177/089124397011006003>

Sicouri, G., Tully, L., Collins, D., Burn, M., Sargeant, K., Frick, P., Anderson, V., Hawes, D., Kimonis, E., Moul, C., Lenroot, R., & Dadds, M. (2018). Toward father-friendly parenting interventions: A qualitative study. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 39(2), 218–231. <https://doi.org/10.1002/anzf.1307>

Sperber, D. (2003). L'étude anthropologique des représentations: problèmes et perspectives. In D. Jodelet (Ed.), *Les représentations sociales*. (pp. 115-130). Presses Universitaires de France.

Sutter, C., & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2008). Pais que cuidam dos filhos: A vivência masculina na paternidade participativa. *Psico*, 39(1), 74-82. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1488>

Tamis-LeMonda, C. S., Shannon, J. D., Cabrera, N. J., & Lamb, M. E. (2004). Fathers and mothers at play with their 2 and 3-year-olds: Contributions to language and cognitive development. *Child Development*, 75(6), 1806 – 1820. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2004.00818.x>

Teti, D. M., Cole, P. M., Cabrera, N., Goodman, S. H., & McLoyd, V. C. (2017). Supporting parents: How six decades of parenting research can inform policy and best practice. *Research-practice partnerships: Building two-way streets of engagement*, 30(5), 1-34. <https://doi.org/10.1002/j.2379-3988.2017.tb00090.x>

Tiedje, L. B., & Darling-fisher, C. (1996). Fatherhood reconsidered: A critical review. *Research in Nursing & Health*, 19(6), 471-484. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-240X\(199612\)19:6%3C471::AID-NUR3%3E3.0.CO;2-L](https://doi.org/10.1002/(SICI)1098-240X(199612)19:6%3C471::AID-NUR3%3E3.0.CO;2-L)

Unidade de Missão para a Valorização do Interior. (2017). *Programa Nacional de Coesão Territorial*. <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/governo/programa/programa-nacional-para-a-coesao-territorial/-ficheiros-coesao-territorial.aspx>

Vieira, E. N., & Souza, L. de (2010). Guarda paterna e representações sociais de paternidade e maternidade. *Análise Psicológica*, 28(4), 581-596. <https://doi.org/10.14417/ap.376>

Visentin, P. M., & Lhullier, C. (2019). Representações sociais da paternidade: Um estudo comparativo. *Fractal: Revista de Psicologia*, 31(3), 305-312. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i3/5640>

West, C., & Zimmerman, D. H. (1987). Doing gender. *Gender and Society*, 1(2), 125-151. <https://doi.org/10.1177/0891243287001002002>

Westrupp, E. M., Macdonald, J., & Evans, S. (2022). Developmental gains and losses during parenthood. *Current Opinion in Psychology*, 43, 295–299. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2021.08.014>

Wong, Y. J., & Rochlen, A. B. (2008). Re-envisioning men's emotional lives: Stereotypes, struggles, and strengths. In S. J. Lopez (Ed.), *Positive psychology: Exploring the best in people*, Vol. 2. *Capitalizing on emotional experiences* (pp. 149–163). Praeger Publishers/Greenwood Publishing Group. <https://psycnet.apa.org/record/2008-13954-009>

Yogman, M., & Garfield, C. F. (2016). Fathers' roles in the care and development of their children: The role of pediatricians. *Pediatrics*, 138(1), 1-15. <https://doi.org/10.1542/peds.2016-1128>

Anexos

Anexo 1

Representações sociais sobre o envolvimento paterno

Caro/a participante,

Convidamo-lo/a a participar neste estudo, integrado num projeto de Dissertação de Mestrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

O **objetivo** deste estudo é recolher a opinião dos jovens universitários portugueses acerca do que é ser um bom pai (especificamente, da figura paterna).

Como participante, **ser-lhe-á pedida esta mesma opinião e alguns dados sociodemográficos**, como a idade ou o género. O tempo de resposta a este questionário é de aproximadamente **10 minutos**. Pode desistir quando quiser, não existindo respostas certas ou erradas.

Poderá participar neste estudo qualquer **estudante universitário** com, pelo menos, **18 anos de idade**.

Os dados aqui partilhados são **confidenciais**, pelo que não serão partilhados e apenas serão usados para fins de investigação.

Caso pretenda receber os resultados do presente estudo ou colocar alguma dúvida, poderá enviar um e-mail para up201807151@up.pt.

Desde já, obrigada pela sua participação,

Catarina Gaio

up201807151@g.uporto.pt [Mudar de conta](#)



Não partilhado

* Indica uma pergunta obrigatória

Consentimento informado



Considerando a informação acima apresentada, autoriza a sua participação neste estudo?

- ☐ Sim, eu autorizo a minha participação neste estudo.
- ☐ Não autorizo a minha participação neste estudo.

Seguinte



Página 1 de 3

[Limpar formulário](#)

Dados sociodemográficos

Primeiramente, selecione as opções que se adequam a si, nas questões abaixo indicadas.

Gênero *

☐ Feminino

☐ Masculino

☐ Outra: _____

Idade *

A sua resposta _____

Frequenta, neste momento, o Ensino Superior? *

☐ Sim

☐ Não

Se sim, qual a instituição de Ensino Superior que frequenta?

A sua resposta _____

Curso/Área de Formação *

A sua resposta _____

Em que ano do curso se encontra? *

A sua resposta _____

Qual o seu município de origem? *

(Considere apenas a sua residência oficial)

A sua resposta _____

Tem filhos? *

☐ Sim

☐ Não

O que é ser um bom pai?

Por favor, responda à questão seguinte.

Descreva no espaço abaixo o que é, para si, ser um bom pai. Por favor, considere, ^{*} apenas e especificamente, a figura paterna.

A sua resposta

Anexo 2



COMISSÃO DE ÉTICA

PARECER (Ref.º 2022/11-06)

A Comissão de Ética (CE) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, tendo examinado os documentos do projeto de investigação denominado «**Representações sociais dos jovens universitários sobre a figura paterna**», apresentado pela estudante **Catarina Gaio** e com orientação do **Prof. Doutor José Albino Lima**, emite um parecer favorável à realização da pesquisa.

A CE solicita, no entanto, que na comunicação com os participantes no estudo seja explicitado o modo de devolução dos resultados.

Parecer favorável

A CE é favorável à realização do projeto.

FPCEUP, 14 de dezembro de 2022

A Presidente da CE,

Prof.ª Doutora Carlinda Leite